

EDITORIAL

Aspectos da inserção de profissionais na atenção primária à saúde e o processo de formação

O Brasil tem apresentado nas últimas décadas propostas políticas e movimentos que vem gerando mudanças importantes no sistema de saúde e, dentre eles, o Sistema Único de Saúde (SUS), enquanto política e o Saúde da Família (ESF) enquanto estratégia.

Por sua vez, a formação universitária em saúde (em especial na graduação) também tem buscado mudanças, mas em geral, não consegue acompanhar os meandros da “outra área” a de saúde, pois as suas questões em geral tendem a ser diferentes. E, isto não ocorre sem prejuízos para a assistência em saúde.

Por outro lado, têm-se ainda grandes impasses entre o que e o quanto se forma na universidade, e o que se capta, absorve no setor saúde, notadamente na atenção primária que se espera ser a porta de entrada e também que resolva mais de 80% das necessidades da população em um território adscrito.

Não bastasse tudo isto, a população e o próprio sistema social (e vice versa) continuam prezando o olhar e fazer biologicista, hospitalocêntrico e medicocentrado, apesar que algumas experiências nas décadas passadas (mesmo antes do SUS) tenham buscado superar tal fato. Os custos hospitalares, de consumo medicamentoso, de consumo de exames, atuação em reabilitação (como exemplos), denotam o quanto se fala aqui de uma máquina, da qual, a promoção da saúde (que para alguns é uma questão desconhecida), a prevenção de agravos e a própria assistência ainda não alcançam patamares impactantes.

Neste dilema é possível que mesmo considerando as diferenças regionais, estaduais, microrregionais, municipais e até distritais (num país da extensão brasileira), especialmente em cidades de médio porte, e ainda mais de pequeno porte, acrescido ao controle social fraco ou inexistente, que mandos e desmandos sejam ainda piores, e que a gestão dos municípios, sobretudo na saúde mantenham a lógica do fazer médico, como o mais importante, e talvez o único que possa resolver os problemas de saúde da população.

A partir deste panorama mesmo que a universidade forme bem, em quantidade e qualidade suficientes, têm-se problemas culturais sérios que impedem a contribuição de outros profissionais, em demandas que perpassam o fazer médico. Além do que, em algumas realidades, até mesmo este profissional é escasso. Estas questões são amplas quando se pensa em cobertura, acesso, impacto, resposta as vulnerabilidades sociais, e outros.

Defende-se aqui, a perspectiva de que profissionais como: nutricionista, profissional de educação física, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, assistente social, psicólogo, cientista social, gerontólogo, dentre outros; precisam fazer parte da APS, pois possibilitariam uma maior visão, cobertura e impacto nas necessidades de saúde da população. Em algumas regiões, ate mesmo o número de enfermeiros, odontólogos e médicos na APS precisam ser revistos.

Neste antigo dialogo da formação e dos processos de trabalho, a área de educação e área de saúde precisam estreitar laços, para além do problema de gestão entendendo que se abordam aqui também questões culturais. Alguns profissionais não são vistos pelo sistema social, pela população e pela lógica do capitalismo como importantes, notadamente na APS, pois é possível que uma melhoria impactante com a inserção dos “desconhecidos profissionais” alteraria a logica velha e ainda dominante do sistema de saúde.

É possível que cidades pequenas e de médio porte precisem ainda mais de maior atenção neste debate. Inclusive que, só a contratação de profissionais e salários dignos apenas não resolvem as questões por volta disto. É preciso formar bem, captar de forma adequada de acordo com a demanda, mas também, monitorar o trabalho e baseá-lo em estudos locais e ou regionais.

Aqui não se fala de algo fácil de solução e, menos ainda que seja uma novidade! Dado a complexidade do fato, as respostas a estas questões passam por um amadurecimento cultural e social, o olhar sobre outros modos de responder as necessidades de saúde, além de um maior controle social e gestão.

Boa leitura!

Prof. Dr. Álvaro da Silva Santos
Editor REFACS